

PROCURAR, ENCONTRAR E AMAR A CRISTO

Que procures Cristo. Que encontres Cristo. Que ames a Cristo (São Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 382)

ESCLARECIMENTO INTRODUTÓRIO

As três palavras que compõem o título deste livro são de São Josemaria Escrivá. Com elas assinalava três marcos fundamentais do caminho do cristão.

Em maio de 1933, anotou-as como dedicatória de uma História da paixão de Cristo, que ofereceu a um jovem arquiteto ao começar a orientá-lo espiritualmente.

Depois, muitas vezes se reportou a elas, com leves variantes, como na homilia *Rumo à santidade*, incluída na coletânea *Amigos de Deus*: «No esforço de identificação com Cristo, costumo distinguir como que quatro degraus: procurá-lo, encontrá-lo, tratá-lo, amá-lo¹».

É interessante lembrar que São João Paulo II, ao expor a todos os católicos o *programa* da Igreja para o novo milênio, frisava a validade desse itinerário :

«Não se trata — dizia — de inventar um programa novo. O programa já existe: é o mesmo de sempre... Concentra-se, em última análise, no próprio Cristo, que temos de *conhecer, amar, imitar, para nEle viver ...*, e com Ele transformar a história até à sua plenitude... É um programa que não muda com a variação dos tempos e das culturas..., Este programa de sempre é o nosso programa para o terceiro milênio»².

Este livro divide-se em *duas partes*, de extensão quase equivalente.

¹ *Amigos de Deus*, n. 300

² Carta apostólica *No início do novo milênio*, n. 29

A primeira tem como *ícone* a viagem dos Magos à procura de Cristo. Meditando sobre esse símbolo de sinceridade e coragem, quis deter-me num tema que me parece de especial atualidade num mundo como o nosso em que muitos vivem na ignorância, na desconfiança, na dúvida ou no preconceito em relação a Deus, a Cristo e, em geral, à Verdade.

Onde está o nascido rei dos judeus? — perguntam os Magos após uma árdua viagem de busca.

«Onde está a verdade? Onde está a felicidade? Onde está o sentido da vida?» — perguntam-se hoje, confusos, muitas mulheres e homens de boa vontade que se sentem desorientados na vertigem dos dias; e perguntam isso também, com laivos de amargura, velhos e jovens que nunca acharam seu Norte e vagueiam na névoa de uma vida sem rumo.

Ao querer pôr em destaque a necessidade de um empenho sincero e incansável como o dos Magos para encontrar a Verdade, e, afinal, para encontrar Cristo, pensei na necessidade da *luz* da fé — da *estrela* — que todo coração sincero experimenta, no meio das penumbras de ceticismo e relativismo em que o mundo atual nos envolve.

A segunda parte do livro despede-se dos Magos e, dirigindo-se diretamente a cristãos mais ou menos formados, mais ou menos fervorosos, aborda de frente o itinerário a seguir para procurar, encontrar e amar a Cristo. Cada um dos três itens do título é meditado amplamente.

Deus faça que estas páginas possam trazer algumas luzes àqueles interrogantes vitais mais decisivos que todos sentimos bulir, consciente ou inconscientemente, no fundo do nosso coração.

PRIMEIRA PARTE: A SINCERIDADE NA PROCURA

Vimos a sua estrela e viemos adorá-lo (Mt 2, 2)
Quem pratica a verdade vem para a luz (Jo 3, 21)

I. O APELO DE UMA ESTRELA

Visitantes inesperados

Faz pouco mais de dois mil anos, apareceram um belo dia em Jerusalém, sem serem esperados, três personagens imponentes e estranhos. Apresentavam um ar de nobre grandeza – com suas vestes de magnificência oriental –, unido a traços de cansaço e à poeira de muitos caminhos.

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: “onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo” (Mt 2,1-2).

Como é natural, essa declaração dos três majestosos empoeirados deixou perplexos, perturbados, todos os que os ouviam. Se nós estivéssemos em Jerusalém naquele momento, também teríamos ficado aturdidos, porque o rei dos judeus – Herodes – estava lá mesmo, bem vivo no seu palácio, e nenhum herdeiro dele tinha “acabado de nascer”.

O que houve? Vamos tentar examiná-lo

Homens que “querem ver”

Por que os três amigos fizeram uma viagem tão difícil e cansativa, de terras longínquas até Jerusalém; uma empreitada que tem todas as aparências de uma loucura?

Com grande simplicidade, eles o explicam: *Vimos a sua estrela*. Guarde esse verbo – *ver* –, que nos vai dar muito o que pensar ao longo de todas estas páginas.

Para entender o significado exato dessa palavra “vimos”, é preciso fazer uma brevíssima incursão histórica.

O episódio dos Magos que foram adorar Jesus Menino tem sido objeto de estudos que preenchem muitas páginas. Os mais sérios chegam à conclusão de que não se trata de uma lenda piedosa, mas de um fato real com fundamento histórico.

Em terras orientais – do médio e próximo oriente – dava-se o nome de Magos a homens sábios, de ampla cultura em muitos campos, que faziam parte da corte como conselheiros dos reis: daí o nome popular de *Reis Magos*, que não está nos Evangelhos. A história e a arqueologia demonstram que, naqueles antigos impérios – assírio, babilônico, persa –, a astronomia estava assombrosamente desenvolvida, algo análogo ao que aconteceu na civilização Maia, na América central.

É importante ter isso em conta para compreender as palavras “vimos a sua estrela”.

Está claro que eles não sonharam, viram. Eles não imaginaram, não se perderam em fantasias. Captaram uma estrela nova, pesquisaram, observaram, analisaram, discutiram, consultaram outros sábios, perscrutaram mapas astrais e velhos calhamaços da sabedoria dos anciãos... Isto é, como autênticos sábios, empenharam-se em compreender a fundo o fenômeno observado.

O que seria aquela luz inexplicável que viram no oriente, e que só voltaram a ver claramente perto de Belém? Já foram feitos estudos astronômicos a respeito (entre outros, cálculos de Kepler), alguns deles bastante convincentes. Mas não é a identificação científica da estrela que agora nos interessa. O que nos interessa é desvendar o *significado* daquela luz no céu e a *resposta* dos Magos.

A «sua estrela»

As palavras que os Magos disseram ao entrar em Jerusalém – *Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo* (Mt 2,2) – retratam bem a alma desses homens.

Vimos. Eram daqueles que, ao perceber uma realidade desconhecida, a queriam entender. Aplicaram por isso a sua inteligência ao fenômeno luminoso e formularam uma hipótese, que à medida que pesquisavam foi-se confirmando cada vez mais neles como a interpretação certa, até que chegaram a uma conclusão: “É verdade!” Em que consistia tal verdade? Uma explicação sintética nos é dada num comentário da *Bíblia de Navarra*:

«Os judeus tinham difundido pelo oriente as esperanças messiânicas. Os Magos tinham conhecimento do Messias esperado, rei dos Judeus. O qual, segundo as ideias difundidas naquela época, devia ter, como personagem muito importante na história universal, uma estrela relacionada com o seu nascimento»³. Isso é o que eles “viram”.

Essa interpretação concorda com a hipótese de que se teria espalhado pelas velhas terras do Oriente uma antiga profecia do moabita Balaão, mencionada na Bíblia no livro dos Números. Esse profeta pagão, enviado por Balac, rei de Moab, com a missão de amaldiçoar Israel, não conseguiu lançar impropérios, por mais que o tentasse, pois da sua boca só saíram palavras de bênção para o povo hebreu: *Como são belas as tuas tendas, ó Jacó, e as tuas moradas, ó Israel!... Vejo-o, mas não agora, contemplo-o mas não está perto: uma estrela sai de Jacó, um cetro se levanta de Israel (Nm 24, 5. 17)*.

A percepção do sentido da estrela foi encarada pelos Magos como uma chamada de Deus. Aquela luz espicaçava o íntimo deles. Havia compreendido que acabavam de descobrir a mais esperada intervenção de Deus na história.

Por isso, seu coração reto sentiu-se interpelado. Se o Salvador esperado chegou, diziam-se, é preciso procurá-lo, uma vez que o mundo, por milênios o tem aguardado com ansiedade. É preciso honrá-lo. É preciso colocar-se à sua disposição. Por isso partiram.

Inquietos e inconformados

O Papa Bento XVI, na homilia da solenidade da Epifania de 2013, falava do espírito dos Magos: «Eram homens de coração inquieto. Homens movidos pela

³ Nota a *Mateus 2,2*

procura inquieta de Deus e da salvação do mundo. Homens de esperança, que não se conformavam com seus rendimentos seguros e, provavelmente, sua elevada categoria social. Procuravam as mais altas realidades... Queriam saber sobretudo aquilo que é essencial».

Você se dá conta de que os Magos nos falam de duas sinceridades necessárias para termos uma vida autêntica?

– A primeira é a necessidade de não se contentar com viver patinando pela superfície da vida, da humanidade, do mundo, mas aspirar «às mais altas realidades». Tiveram a sinceridade dos que buscam a Verdade com ardor, e fizeram tudo o que puderam para chegar a ela.

– A segunda, não brincavam com Deus, como tantas pessoas brincam de ateísmo e de agnosticismo sem terem derramado uma única gota de suor para saber se Deus existe, se é realmente Alguém, se é verdade que nos vê e nos ouve, que está perto de nós, que nos ama, que tem alguma coisa a nos dizer.

Se não tivessem tido essa nobre inquietação, os Magos:

– poderiam ter-se limitado a ficar felizes por haverem esclarecido um problema, guardando para si a satisfação do sucesso da pesquisa.

– podiam ter descrito em tabuinhas, pergaminho ou papiro o processo dos seus estudos, os raciocínios e as conclusões a que chegaram, para que outros sábios interessados as conhecessem; tal como os pesquisadores de hoje divulgam seus achados científicos em revistas especializadas.

– ou ainda podiam ter enviado um comunicado ao seu rei, para o caso de este desejar congratular-se, por conveniência diplomática, com o rei dos judeus.

Quer dizer que poderiam ter encerrado a sua relação com a estrela sem nenhum compromisso pessoal. A estrela que Deus lhes enviou teria sido apenas um desafio intelectual interessante, um cometa fugaz.

Eles, porém, não fizeram uma “exclusão prévia” do chamado da estrela, como tantos fazem na vida, deixando-se ficar na rotina satisfeita, na poltrona cômoda de quem não quer complicações; não caíram na indiferença passiva que costuma conduzir ao vazio da existência e à falta de sentido.

Sede de Deus

Acabamos de lembrar palavras de Bento XVI: «Os Magos eram homens movidos pela procura inquieta de Deus e da salvação do mundo. Homens de esperança, que não se conformavam...».

É bom meditar nisso, para sacudir, se a temos, alguma acomodação letárgica.

Impressionou-me, há tempo, ler uma entrevista do escritor grego Nikos Kazantzaki – autor do *Velho Zorba* – com um camponês centenário da ilha de Creta. O escritor perguntou-lhe:

- Como lhe aparece agora a sua longa vida, avô?
- Como um copo de água fresca, respondeu o velho.
- E ainda tem sede, avô?

Então o velho cretense, com seus cem anos de idade, crivado de velhos ferimentos, cego, ergueu violentamente o braço e bradou: «Seja maldito quem não tiver mais sede!»

O grito do velho faz pensar, não é? E nós? Que fazemos com a sede profunda que está latente no centro da nossa alma?

Talvez o ajude a seguinte reflexão, mais explícita, do escritor francês Michel Quoist:

«O que te faz sofrer mais? São, dentro de ti, todas as insatisfações, as tensões, os conflitos entre:

- o que desejas e o que possuis,
- o que querias ser e o que és,
- a tua fome de saber e o teu mistério, e os mistérios do mundo,
- a ânsia de felicidade e o sofrimento sob todas as suas formas,
- a nostalgia da pureza de coração e o mal que encontras nele,

- a tua sede de amor e as limitações e fracassos do amor humano,

O que te faz sofrer é que não estás acabado, estás incompleto...

Sabes o que é que mais desejas? É o infinito, o infinito

- da beleza

- da pureza

- da justiça

- da paz

- da verdade

- do amor

- da vida...

E o infinito te ultrapassa, ultrapassa todas as medidas do homem. O infinito só tem um nome: DEUS.

Todas as fomes de infinito, no fundo, se reduzem a uma única fome: a fome de Cristo, porque Cristo “é” a pureza, a verdade, o amor, a vida...»⁴.

Depois de meditar nisso, penso que tem razão Saint Exupéry quando diz, na *Cidadela*: «Os seres são vazios quando não são como janelas ou claraboias abertas para Deus».

II. ESPERANÇA E CORAGEM

Almas abertas

Os Magos estavam abertos à verdade, tinham a janela da alma escancarada para Deus. Com isso, eles permitiram que a estrela descesse até o coração. Lá eles a guardaram, e de lá – do fundo da alma – ela os guiou. «A luz do coração trago por guia», podiam dizer com o poeta castelhano Villamediana.

⁴ *Réussir*, Les éditions ouvrières, Paris 1961, pp. 64-65

Estiveram vendo-a sempre? Não.

Mas, mesmo assim, a estrela sempre os guiou, até quando – segundo tudo indica – por longo tempo deixassem de vê-la. Na sua simplicidade, o Evangelho de São Mateus nos diz: *Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente, perguntando: – “Onde está o nascido rei dos judeus. Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”* (Mt 2, 1-2).

Reparou que falam da estrela no passado? *“Vimos” no Oriente*. Após uma série de vicissitudes que haveremos de comentar, São Mateus diz que perto de Belém a estrela que *“tinham visto” no Oriente ia adiante deles* (Mt 2, 6).

É possível que tenham caminhado léguas e mais léguas sem verem luz nenhuma, quem sabe quase desde o começo da viagem. Mas, para eles, aquela estrela continuava a brilhar na alma como uma chama que não se apaga.

Essa íntima luz tem um nome: chama-se “fé”.

Tinham “visto” e tinham entendido a mensagem. *Acreditaram* nela. Isso lhes bastou para partir e caminhar.

Quando a luz da Verdade é percebida e abraçada, o coração nobre fica atingido pelo seu calor. Então, a vontade – a capacidade humana de querer e decidir – entra em ação. O homem sincero não descarta as verdades no arquivo morto da memória. Com ajuda de Deus, ele as transforma em ação e vida.

Aquele que é capaz de “partir” *por fé*, movido pela fé, sem exigir evidências imediatas nem precisar de consolos; aquele que, para mexer-se, não fica aguardando até sentir emoções e ter provas sensíveis; aquele que é capaz de caminhar no escuro, guiado pela fé e a esperança, esse chegará à meta, esse “encontrará”, como os Magos.

A força da esperança

Na homilia da Missa da Epifania de 2008, o Papa Bento XVI, meditando sobre o exemplo dos Magos, dizia: «São precisos homens que alimentem uma

grande esperança e, *por isso*, possuam uma grande coragem... Todos precisamos da coragem dos Magos, ancorada numa firme esperança».

Esperança e coragem. Duas virtudes inseparáveis para os que – como todos nós – são caminhantes rumo a Deus.

Na história dos Magos, tudo convidava ao desânimo e à desistência.

Desde que partiram, não lhes faltaram dificuldades: montanhas íngremes a galgar, paragens geladas, desertos, trilhas perigosas, ameaças de bandidos. Muitas noites dormiram mal, muitos dias mal comeram. Os acompanhantes murmuravam, reclamavam e tramavam voltar.

É natural que, por serem humanos, tenham tido mais de uma vez a tentação de desistir. Talvez pensassem: “Será que conseguiremos?” “Será que Deus pode nos pedir tamanho sacrifício?” “Não terá sido um engano?”... “Será?”... Mas não se deixaram vencer pelas dificuldades e continuaram a caminhar, mesmo sem enxergar, mesmo com o risco de terem que enfrentar momentos mais duros na viagem. Não traíram a estrela. Não fizeram como muitos de nós, que abandonamos a nossa fé só porque encontramos «uma pedra no meio do caminho».

Na Carta aos Hebreus lemos que *a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e uma demonstração das que não se veem* (Hb 11, 1). Da luz da estrela nasce, para os Magos, a luz da fé. E, da luz da fé, nasce a esperança.

A fé foi a luz que inundou de esperança a vida de Josefina Bakhita, a ex-escrava sudanesa, com o corpo crivado de cicatrizes pelos maus tratos recebidos desde a infância. Levada à Itália, converteu-se ao catolicismo, fez-se freira e irradiou até a morte, entre muitos, a alegria de quem espera tudo porque crê, sobretudo porque crê no amor de Deus. «Eu sou definitivamente amada – afirmava – e aconteça o que acontecer, eu sou esperada por este Amor. Assim a minha vida é boa»⁵. Uma vez canonizada, seu exemplo continua a ser uma luz no mundo inteiro.

Da fé brota a esperança, dizíamos, e ela nos torna seguros no caminho por onde Deus nos quer conduzir até o encontro pleno com Ele, mesmo que esse

⁵ Cf. Bento XVI, encíclica *Spe salvi*, n. 3

itinerário seja longo, demorado e espinhoso. O Deus que nos chama, o Deus que nos faz descobrir a Verdade, não nos engana. Não temos fé verdadeira enquanto não podemos dizer como são João: *Nós conhecemos o amor de Deus e acreditamos nele* (1 Jo 4, 16).

Você já vê que cada traço do exemplo dos Magos nos faz pensar, como se estivéssemos fazendo um retiro espiritual... Penso que seria bom ler este livro assim, como quem faz um retiro: procurando, no íntimo de nós, o sentido da vida, os caminhos do amor e da esperança. Perguntemo-nos: «Eu, com o pedaço de vida que já vivi, para onde vou? Qual é a *estrela* que me guia? Que sentido tem para mim viver, trabalhar, amar, sofrer e morrer? De onde vêm as minhas tristezas e alegrias?».

Gosto muito da letra da canção “Chão de estrelas”, e lembro-a cantada por Sílvio Caldas, com seu inseparável violão. A letra usa imagens belas...mas que, aplicadas a nós, podem tornar-se tristes. Fala do barracão de zinco, onde mora o poeta com a mulher amada, e lembra as noites em que, pelas frinchas e furos do zinco, o luar se infiltra e projeta pontos de luz no chão, como pálidas estrelas,. Então diz: «Tu pisavas os astros, distraída...».

A beleza do poema comove, mas também fere se pensarmos nas estrelas que nós já pisamos, sem querer entender a mensagem de Deus que nos traziam. Pelo contrário, quanta pirotecnia efêmera nós seguimos – luzes enganosas que piscam e se apagam – , por não querer aprofundar na mensagem da estrela de Jesus, e segui-la.

Acho que lhe fará bem meditar – devagar, em silêncio – esta afirmação de um autor francês: «Só são grandes aqueles que, em nós, mantêm a esperança e a alimentam, aqueles que nos obrigam a ir até o fim de nós mesmos, e oferecem ao nosso ardor o único ponto de aplicação digno dele – ponto de fusão –: Deus, *fogo devorador*»⁶.

A coragem

⁶ Pierre Blanchard, *Jacob e o Anjo*, Ed. Aster, Lisboa, pág. 201

Bento XVI – como víamos – fala da «coragem dos Magos ancorada numa firme esperança».

Empreender uma peregrinação como a deles – que não eram ingênuos –, significa aceitar de antemão, como já víamos, todas as dificuldades e perigos previsíveis e imprevisíveis, decididos a não parar até alcançar o fim proposto: o Salvador, ou seja, Deus que – neste mundo confuso – é o único que oferece a luz da Verdade e do Bem.

Verdade e Bem sem os quais as coisas mais importantes da vida – religião, família, trabalho, serviço ao próximo, missão a cumprir –, ficam fragilizadas e ameaçadas, pois se deposita na alma um desencanto que nos torna “pessimistas mascarados de realistas”.

Nunca perca de vista que o realismo da fé e da esperança é o mais objetivo que existe, porque se apoia na máxima *realidade* deste mundo, que é Deus.

As almas de fé vão sempre em frente, haja o que houver, porque confiam em Deus muito mais do que em si mesmas e nos outros homens. Se alguém perguntasse aos Magos, àqueles andarilhos estafados e poeirentos, aparentemente perdidos em terra estranha: – “Vocês acreditam na bondade de Deus? Vocês estão certos de que foi Ele quem lhes pediu isso?”, sem dúvida responderiam, sem hesitar um instante: – «Sim!». Daí as forças e a valentia com que prosseguiram até o fim.

Contra a coragem estão sempre em pé três inimigos da fé e da esperança: o *medo*, a *autocompaixão* e a *autoproteção*: querer, acima de tudo, *resguardar a vida*, como dizia Jesus, que é a maneira mais certa de *perdê-la* (cf. Mat 16, 25).

São três doenças morais que não se encontram na história dos Magos. Por quê? Porque as almas nobres amam mais a Verdade e o Bem do que todos os “bens” que o mundo pode dar (sossego, prazer, satisfação, sucesso).

São Josemaria Escrivá, que era uma alma grande, dizia concisamente (pois assim o sentia e praticava): «Não tenhas medo à verdade, ainda que a

verdade te acarrete a morte»⁷. Como quem diz: – Não vale a pena agarrar-se e querer «guardar» a todo custo tudo aquilo que, no fim, montando em cima do nosso egoísmo, vai nos escarnecer dizendo: «Te enganei!».

«A coragem – diz o notável teólogo Servais Pinckaers – torna-nos capazes de perseverar eficazmente nos propósitos que têm *qualidade* e *valor* para nós, apesar das resistências, dos obstáculos e das contrariedades exteriores e interiores, e de tirar proveito das provas que poderiam ter abatido a nossa vontade e levado ao fracasso os nossos projetos»⁸.

Tudo vem abaixo se deixamos que as dificuldades, exteriores e interiores, apaguem a estrela. É o que vamos ver a seguir.

III. NUVENS QUE ENCOBREM A ESTRELA

1. AS NUVENS EXTERIORES

Toda Jerusalém perturbou-se

Voltemos à história dos Magos. Fazem a sua entrada em Jerusalém com o coração satisfeito e uma pergunta nos lábios: *Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos...* (Mt 2, 2).

A pergunta, dita com uma santa inocência e uma expectativa sorridente, cai como uma bomba na capital dos judeus. *Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele* (Mt 2, 3). O sorriso dos Magos ficou gelado.

Dentre aqueles que os ouviam, uns abriam os olhos pasmados, outros tapavam a boca com a mão para que não se percebesse que riam por baixo do nariz, outros começavam a ficar apavorados pensando na provável reação de Herodes, pois sabiam do apego tirânico de Herodes ao seu poder real, e da sua

⁷ *Caminho*, n. 34

⁸ Servais Pinckaers, *Las fuentes de la moral cristiana*, EUNSA, Pamplona 1988, p. 454

crueledade tristemente famosa, pois não hesitou em matar três dos seus próprios filhos, por medo de que lhe arrebatassem o trono. Mas se esqueciam – como ainda veremos – de que, a par da crueledade, ele tinha uma raposa dentro de si.

Seja como for, todo o mundo ali achava absurdo o enorme esforço dos Magos para chegar a Jerusalém em busca de um rei dos judeus que, na própria capital dos judeus, ninguém conhecia. Após tanto sacrifício sonhador, parecia que os Magos fracassavam vítimas de um ridículo engano.

Mas esses homens retos não se abalaram, e aceitaram de bom grado a ajuda que, embora traiçoeiramente, lhes era oferecida para continuar à procura do *rei dos judeus*. Por indicação de Herodes, reuniram-se *todos os sacerdotes e escribas do povo* a fim de pesquisar na Sagrada Escritura *onde devia nascer o Messias*. Concluíram que o lugar era Belém da Judéia, e para lá – com a maior simplicidade – dirigiram-se os Magos (cf. Mt 2, 3-6).

E a nossa “Jerusalém”?

Todo cristão consciente e responsável encontra-se em choque, no mundo atual, com uma contínua “Jerusalém” zombadora e hostil: o ambiente materialista, relativista, consumista e hedonista dominante, que ri da fé e dos ideais.

O cristão responsável, por mais compreensivo e amigável que seja para com todos os que não o compreendem, deve contar com o choque do ambiente; será visto e tratado como um bicho em extinção, como um maluco, como um tolo; ou como um “intolerante” (que os verdadeiros intolerantes não podem suportar), e, depois, como um inimigo que merece o ódio, o combate e a exclusão.

Bem-aventurados – dizia Jesus – *os que sofrem perseguição por causa da justiça* (Mt 5, 10). Não é fácil manter-se sereno e fiel no meio de um ambiente fechado, zombeteiro e adverso. Não é coisa que todos os cristãos estejam dispostos a fazer. É preciso ter uma fé como a dos Magos e uma coragem como a deles.

Infelizmente, grande parte dos cristãos entregam os pontos diante do ambiente. Num mundo paganizado, não suportam ser “diferentes”; e assim se

tornam fantoches imitadores do que “todos” pensam, dizem e fazem. Caem no que Gustave Thibon chamava «a ditadura do efêmero que se exerce sobre os desertores da eternidade». Como uma folha morta perdida no ar, « a sua única pátria está no vento que a arrasta»⁹.

Esse autor constata que, passados mais de vinte séculos, continua vigorando o que dizia o pensador latino Sêneca: «As coisas que não quereríamos imitar se as fizessem poucos, mal começam a fazê-las muitos, nós as seguimos, como se o fato de serem mais frequentes as tornasse mais honestas»¹⁰.

Ao evocar essa realidade, Bento XVI convidava-nos a meditar no exemplo dos Magos: «A procura da verdade era para eles mais importante que as zombarias do mundo, aparentemente inteligentes». Não se trata de reagir com violência ou agressividade, mas de ter a certeza, como os Magos, de que «o caminho que está de acordo com as indicações divinas é mais importante que a opinião das pessoas»¹¹.

Tudo isso é de uma atualidade plena, e faz pensar na tristeza dos que, dominados pelo ambiente geral, se perdem num túnel sem estrela e sem saída.

O “ambiente”, a chamada “cultura atual”, pode ser comparado muitas vezes como a figura terrível da animação japonesa *A viagem de Chihiro*, a bruxa-monstro que, abrindo uma espécie de imensa boca no abdome engole tudo. Quando não se tem caráter suficiente para procurar a verdade, o ambiente devora a personalidade... e a digere.

Não há muito, eu relia o livro de Joseph Conrad *O espelho do mar*. Impressionam as narrações desse grande escritor, que foi capitão da marinha mercante inglesa na época dos veleiros. Descreve uma tempestade provocada, na altura do Canal da Mancha, pelo “Rei dos Ventos”, o Vento Oeste. Nuvens carregadas, rajadas furiosas, ondas agressivas ameaçando o navio e seus tripulantes. E o que é pior: podem passar-se dias e noites sem enxergar um palmo à frente da proa.

⁹ Gustave Thibon, *El equilibrio y la armonía*, Ed. Rialp, Madrid 1978, p. 31

¹⁰ *Cartas a Lucilio*, Carta CXXIII

¹¹ Homilia na Missa da Epifania de 2013

«Ver! Ver! — escreve Conrad —. Este é o anseio do marinheiro bem como do resto da humanidade cega. Ter caminho claro à sua frente é a aspiração de todo ser humano em nossa existência tempestuosa e anuviada. Já ouvi um homem silencioso e reservado, não especialmente ousado, depois de três dias de uma corrida dura sob um tempo carregado de vento sudoeste, explodir impetuosamente dizendo: “Por Deus, eu queria que pudéssemos enxergar alguma coisa!”»¹².

Sem fé, o que é que nós vemos?

Quando Deus é enfrentado como um rival

Dizíamos acima que Herodes era astuto, “*tinha uma raposa no coração*”. Alarmado pela pergunta dos Magos sobre o *rei dos judeus*, adotou uma tática traiçoeira.

Já comentamos que convocou os príncipes dos sacerdotes e escribas para que lhe comunicassem onde, de acordo com as Escrituras, deveria nascer o Messias. Eles lhe responderam com palavras do profeta Miquéias: *E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo nenhum a menor dentre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá o Príncipe que apascentará meu povo de Israel* (Mq 5,1).

De posse dessa resposta, *mandou chamar secretamente os Magos e pediu-lhes informações exatas sobre a data em que estrela lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: “Ide e informai-vos cuidadosamente acerca do menino, para que também eu vá adorá-lo.*

Queria fazer dos Magos os cúmplices do crime que já tinha planejado: assassinar o Menino, seu rival em potência. Porém, os Magos *avisados em sonhos que não voltassem para junto de Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.*

Então Herodes, ao ver que tinha sido ludibriado pelos Magos, descarregou seu furor ordenando a degola de *todos os meninos de Belém e de todo o seu território de dois anos para baixo* (Mt 2, 7-8 e 16).

¹² *O espelho do mar*, Ed. Iluminuras, São Paulo 2002, 3ª ed., p. 80

Também neste ponto ajuda-nos a meditar uma homilia de Bento XVI. Depois de comentar que Herodes era um homem de poder «que no outro só via o rival contra o qual é preciso lutar», pedia que nós pensássemos sinceramente se, às vezes, não achamos que Deus é o nosso rival, «um rival especialmente perigoso, que quereria privar os homens do seu espaço vital, da sua autonomia, do seu poder; um rival que nos indica o caminho que devemos percorrer na vida e nos impede, assim, de fazermos tudo o que queremos».

«Não há alguma coisa de Herodes também em nós? — continua. Não é verdade que também nós por vezes vemos Deus como uma espécie de concorrente? Não somos também nós cegos perante os seus sinais, surdos ante as suas palavras, porque pensamos que impõe limites à nossa vida e não nos permite dispor da nossa existência como bem nos aprouver?»

O Papa Bento conclui esse trecho da homilia dizendo: «Devemos afastar da nossa mente e do nosso coração a ideia da rivalidade, a ideia de que deixar espaço para Deus é um limite para nós. Devemos abrir-nos à certeza de que Deus é o Amor onipotente que não nos tira nada, não ameaça; pelo contrário, Ele é o único capaz de nos oferecer a possibilidade de viver em plenitude, de experimentar a verdadeira alegria»¹³.

Essas palavras não são exagero. Repare. Onde está a verdadeira causa do ateísmo simplório que se espalha epidemicamente entre pós-modernos e *millenials*? Não vê que é uma fuga defensiva de Deus, da fé, da religião, porque Deus ameaça o “ídolo” da liberdade e do prazer sem fronteiras, que para muitos é o único “deus” que adoram e servem.

Como diz o Papa Francisco, só «em Deus podemos alcançar a verdadeira liberdade. Alguns creem-se livres quando caminham à margem de Deus, sem se dar conta de que ficam existencialmente órfãos, desamparados, sem um lar para onde possam sempre voltar. Deixam de ser peregrinos para se transformarem em errantes, que giram indefinidamente ao redor de si mesmos, sem chegar a lado nenhum»¹⁴.

¹³ Homilia na Missa a Epifania de 2011

¹⁴ Encíclica *Evangelii gaudium*, n. 170

Para esses, a liberdade é como uma corda que, dando voltas ao redor de si mesmos, se lhes enrola no pescoço e os estrangula.

Falaremos um pouco mais sobre esse assunto no próximo capítulo.

2. AS NUVENS DO NOSSO CORAÇÃO

Um prólogo luminoso

São João, no prólogo do seu evangelho, fala da vinda de Cristo, o *rei dos judeus*, que os Magos procuraram.

Que diz ele do Filho de Deus, do Verbo que se fez homem? *O Verbo era Deus... Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi criado de tudo quanto existe. Nele estava a Vida, e a Vida era a Luz dos homens... O Verbo era a Luz verdadeira que, vindo ao mundo, a todo homem ilumina* (Jo 1, 1-4).

O resplendor dessa Luz foi o que os Magos viram na estrela. E essa *Luz verdadeira* os decidiu a largar tudo para saírem em busca do *Sol nascente*, que *ilumina aqueles que se encontram nas trevas e nas sombras da morte, e guia os nossos passos no caminho da paz* (Lc 1, 78-79).

São João, depois das palavras que acabamos de citar, ensombrece o tom do discurso: *A luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a admitiram...O mundo foi feito por ele, mas o mundo não o conheceu. Veio ao que era seu, mas os seus não o receberam* (Jo 1, 10-11).

Não o admitiram, não o receberam. Meditemos sobre as nossas recusas. Talvez descubramos várias nuvens escuras que brotam do nosso coração.

Primeira nuvem: a ignorância

Antes de mais nada, é bom recordar que a Luz de Cristo se desdobra na nossa alma em duas luzes: a luz da Verdade e a luz do Bem.

Só Jesus, Deus e Homem verdadeiro, pode dizer: *Eu sou a Verdade...Eu sou a luz do mundo, aquele que me segue não andará nas trevas, porque terá a luz da vida* (Jo, 8,12). E afirmar também: *Ninguém é bom senão só Deus*; só ele pode nos ensinar qual é o verdadeiro Bem (cf. Mc 10,18)

No íntimo da alma — de forma talvez abafada — todos sentimos um anseio de Verdade e de Bem. O agnosticismo cético está na moda, mas não nos satisfaz. Basta apenas que nos atinja um leve cintilar da *luz verdadeira* — um piscar dela ao ler um livro, ao ouvir um comentário, ao admirar a santidade de alguém — e logo se remexe, se inquieta dentro de nós a insatisfação que carregamos.

Nós temos sede de Luz, ainda que fuçamos dela. E, se Deus a envia — a nossa estrela —, podemos encobri-la, como uma nuvem escura encobre o sol.

As nuvens da ignorância manifestam-se quase sempre com a máscara da indiferença. Na atual “cultura”, dominada pelo relativismo, as coisas de Deus não interessam, ignoram-se (ainda que se pontifique sobre elas com ares de ciência). É uma ignorância consentida, voluntária, que nos impede de ter a menor experiência sobre a *Luz verdadeira*. Como pode tocar-nos, então, a estrela que nem queremos olhar?

«Olhos que não veem, coração que não sente», diz um velho ditado. Quem não sabe, não pode sentir falta do que desconhece.

Tente Imaginar uma pessoa que foi criada nos fundões de uma caverna e que jamais viu a luz do sol, nem ouviu falar nela. É claro que não lhe sentirá a falta. Porém, se descobre por acaso uma fenda por onde se infiltram raios solares e se vislumbra uma flor, o coração dará um pulo e arderá em desejos de sair da caverna para ir ao encontro daquela beleza.

Creio que essa imagem é o retrato de muitos homens e mulheres, jovens e maduros, que foram criados de costas para a religião; mas que, ao descobrirem a fenda iluminada iniciaram um caminho de fé, de amor, de alegria, que os levou até Deus. Esses souberam procurar a estrela!

São poucos? Eu me pergunto se é possível que, na realidade, haja muitos que nunca tenham percebido nem um pouco da luz nem um sopro do perfume da

flor. Se a ignorância fosse pura, inocentaria. Mas, afora alguns casos, parece-me que as mais das vezes não se trata de uma ignorância inocente.

Alguns casos existem, sim. Vou lhe citar o relato do escritor francês André Frossard, filho daquele que foi o primeiro secretário geral do Partido Comunista francês.

«Na minha vida – escreveu – Deus não existia. Éramos ateus perfeitos desses que nem sequer questionam o seu ateísmo. Tanto era assim que os militantes anticlericais nos pareciam tão ridículos ao defender a inexistência de Deus como o seriam os historiadores esforçando-se por refutar a veracidade da fábula do “chapeuzinho vermelho”... O nosso ateísmo era tão perfeito que nem sequer negava a existência de Deus: simplesmente não se apresentava o problema». Era «o ateísmo imbecil que não se questiona».

Após ter recebido a graça inesperada da conversão à fé católica, exclamava, comovido: «A irrupção da verdade aberta e plena veio acompanhada de uma alegria que poderia comparar-se com a exultação de um naufrago que foi salvo a tempo antes de afundar-se. Naquele momento em que fui resgatado para a salvação, quando tomei consciência da lama em que, sem sabê-lo, estava afundado, pensava em como pude ser capaz de viver ali, de respirar ali durante tanto tempo»¹⁵.

Ao lado de casos como este, porém, há muitas ignorâncias que pouco têm de inocentes. É o que vamos ver a seguir.

Segunda nuvem: a má vontade

Há ignorâncias, dizia, nada inocentes. Têm culpas no cartório. Voltemos à alegoria (não platônica) da caverna.

¹⁵ Ver as obras: *Deus existe, eu o encontrei*, Ed. Record, Rio de Janeiro 1969; e *Há um outro mundo*, Ed. Quadrante, São Paulo 3003.

O homem da caverna, de que falávamos antes, não se sentia bem no meio da escuridão, da lama e dos bichos. Mas estava acostumado, tinha-se adaptado àquela vida.

Imaginemos que um dia viu o sol filtrar-se pela pequena fenda da rocha e aspirou o perfume de uma flor. Impressionado por um instante, logo foi assaltado pelo medo. Aquilo era um outro mundo, a vida lá seria diferente. Como seria? Vai saber. Incomodado com a possibilidade de mudar, e amedrontado pelo que a vida lá fora poderia exigir-lhe, afastou-se da fenda decidido a nunca mais voltar.

Aos que “não querem” ver para não ter que mudar, vou lhes lembrar de novo a frase límpida de São Josemaria: «Não tenhas medo à verdade, ainda que a verdade te acarrete a morte»¹⁶. Para entendê-la e segui-la precisa-se de uma qualidade não muito comum: coerência.

Não merece o nome de “pessoa humana” quem fica na ignorância por medo à verdade. Sente-se vontade de gritar-lhe: «Seja homem! Não venda Deus por trinta moedas, não negue a estrela para garantir a sua confortável mediocridade!».

Quantas vezes *não queremos* ver luzes verdadeiras sobre a nossa vida familiar ou profissional, sobre a nossa conduta sexual, sobre os nossos maus hábitos, apenas porque temos a síndrome do morcego: a luz incomoda, é melhor viver no escuro.

E assim, com um “inocente” ar de normalidade, vai se espalhando cada vez mais nas pessoas e na sociedade a corrupção, a devassidão, a anemia moral, a mentira, a anestesia da consciência. Deste modo cresce a cada dia aquela «desertificação espiritual» de que falava Bento XVI¹⁷.

Terceira nuvem: a falsa estrela

Neste terceiro caso, já não se trata das pessoas que fecham os olhos por temor de ver, mas dos que encaram a estrela de frente para menosprezá-la, contestá-la e suplantá-la por uma estrela falsa.

¹⁶ *Caminho*, n. 34

¹⁷ Catequese da quarta-feira 11-10-2012

Tenho conhecido uma porção de casos semelhantes ao da estória que vou narrar a seguir. Leia-a com paciência.

Era uma vez um homem de fé firme, líder de um conhecido movimento católico, estimado por muitos como cristão exemplar.

Um dia corre a voz de que largou a mulher e foi viver com a secretária. A notícia provoca estupor e tristeza. A esposa era um anjo! Alguns dos mais chegados tentam aproximar-se dele, procurando ajudá-lo a retificar, a superar aquela cegueira momentânea. Recusa-se a conversar. Não atende a razões. Diz estar apaixonado pela secretária e que é inútil insistir porque não vai largá-la.

A crise, infelizmente, foi provocada – como a maioria das separações desse tipo – por ter brincado com fogo, por vaidade e egoísmo. Começa-se por “bancar o simpático”, por flertar, por não perder o *happy hour* acompanhado, por exhibir-se, por abrir-se em confidências..., e acaba-se como este caso acabou. Mas a história não terminou aqui.

Passado algum tempo, os colegas acham o homem estranhamente mudado. Fala com altivez da sua “decepção” com a Igreja. Com ar magisterial, diz que descobriu a “verdade” numa das ramificações mais recentes da New Age, e que os católicos andam todos enganados. Aos que retrucam, responde arrogantemente que ainda estão na infância religiosa, e que teriam de estudar mais filosofia.

Ora, a verdade é que simplesmente foi um fraco, não foi capaz de cortar uma tentação vulgar e primária. Caiu como um passarinho numa das arapucas mais prosaicas em que pode tropeçar a “carne fraca”. E, a seguir, para se justificar, desceu para uma queda pior: caiu – para dizê-lo com palavras de Bento XVI – «no perigo de construir para si mesmo uma religião autofabricada» (17/10/2012). Criou uma estrela nova, mais falsa que Judas, de acordo com as suas conveniências.

Mas uma vida construída sobre uma mentira é um foguete espacial à deriva, fora da órbita, perdido no espaço.

Com esse panorama sombrio terminamos a primeira parte do livro, que, felizmente, a partir desse limiar, vai nos abrir as portas para o deslumbramento que procuraremos focalizar na segunda parte.

SEGUNDA PARTE: AO ENCONTRO DE CRISTO

Queremos ver Jesus... (Jo 12, 21)

I. UM ITINERÁRIO FELIZ

A chegada

Nas páginas anteriores viemos acompanhando a viagem dos Magos. Vejamos como terminou.

Após tão longa procura, após tantos obstáculos, Deus levou-os até o seu Filho, Jesus, o Verbo encarnado. Depois dos pastores, eles foram os primeiros — em toda a história dos homens — a adorá-lo.

O Evangelho conta que, após a conversa com Herodes, que lhes indicou Belém como destino, puseram-se novamente a caminho. *E a estrela que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o Menino, parou. Ao ver a estrela, sentiram uma imensa alegria, e entrando na casa, viram o Menino, com Maria sua mãe. Prostrando-se, o adoraram...* (Mt 2, 9-11).

Esses versículos do Evangelho de Mateus são tocantes pois contêm a maior expressão de alegria que se encontra na Bíblia. Os Magos, diz literalmente o Evangelho, *alegraram-se com uma alegria enorme, e muito!*¹⁸

Aos pés do Menino, na casinha onde a Sagrada Família tinha conseguido instalar-se por uns tempos, eles adoram, agradecem, sorriem esfuziantes, não lhes cabe o coração no peito. São o retrato da sexta bem-aventurança: *Felizes os que têm o coração puro, porque eles verão a Deus* (Mt 5,8).

¹⁸ A versão latina, traduzindo à letra o original grego, diz belamente: *Gavisi sunt gaudio magno valde* (Mt 2,10)

Com a alegria do encontro com o Salvador, conservada ciosamente na alma, voltaram para casa.

«No percurso dos Magos do Oriente — dizia o Papa Francisco — está simbolizado o destino de cada homem: a nossa vida é um caminhar, iluminados pelas luzes que clareiam a estrada, para encontrar a plenitude da verdade e do amor, que nós cristãos reconhecemos em Jesus, Luz do mundo»¹⁹.

O percurso dos Magos também fica sendo, assim, uma inspiração do roteiro que deveria seguir a nossa vida cristã. Sobre esse itinerário cristão vamos refletir nas meditações a seguir.

Marcos de um itinerário

Começemos com uma história, que nos vai dar a pauta das próximas meditações.

Corria o mês de maio do ano de 1933. Um jovem arquiteto de Madri, Ricardo Fernández Vallespín, acabava de conhecer casualmente um jovem padre de 31 anos na casa de um colega ao qual ajudava dando aulas particulares de cálculo. À noite desse dia, anotou na sua agenda: «Hoje conheci um sacerdote jovem e entusiasta, que não sei por que razão penso que vai ter uma grande influência na minha vida». Esse sacerdote era Josemaria Escrivá, o fundador do Opus Dei.

Dias depois, Ricardo foi visitar esse padre, que conversou afetosamente com ele, ajudou-o na sua orientação cristã e, a pedido dele, o atendeu em confissão.

«Lembro-me perfeitamente — testemunhou Ricardo anos mais tarde, sendo já sacerdote com longo histórico de vida e trabalho no Opus Dei —, de que, antes da despedida, o Padre se levantou, foi a uma estante, tirou um livro que estava usado por ele e escreveu na primeira página, como dedicatória, estas três frases:

+ Madri — 29-5-33

Que procures Cristo

¹⁹ Homilia na Missa da Epifania de 2014

Que encontres Cristo

Que ames a Cristo»²⁰.

São Josemaria recolheu o núcleo desse episódio no n. 382 de seu livro *Caminho*: «Ao oferecer-te aquela História de Jesus, pus como dedicatória: “Que procures Cristo. Que encontres Cristo. Que ames a Cristo. — São três etapas claríssimas. Tentaste, pelo menos, viver a primeira?».

Esses três marcos da vida espiritual — aos quais são Josemaria acrescentava às vezes «que trates a Cristo» — deveriam ser vividos por nós como caminho normal de vida cristã.

Os Magos — que deixaremos já a partir de agora em sua viagem de retorno ao Oriente — precisaram de um enorme esforço para descobrir onde se encontrava Jesus. Nós já sabemos — ou podemos saber, se queremos — onde Ele está. A estrela da fé cristã nos indica claramente onde e como procurá-lo e encontrá-lo.

1. QUE PROCURES CRISTO

Por que buscais entre os mortos aquele que vive (Lc 24, 5)

Nós sabemos onde Jesus está, acabamos de dizer. Não dissemos onde «estava», no tempo pretérito, mas onde «está» agora, porque «não é Cristo uma figura que passou, não é uma recordação que se perde na história. Vive!»²¹.

Ao amanhecer do domingo de Páscoa, as santas mulheres foram ao sepulcro onde haviam deixado o corpo de Jesus e ficaram espantadas porque viram o túmulo aberto e vazio; e um anjo do Senhor, em vestes resplandecentes, disse-lhes: *Por que buscais entre os mortos aquele que está vivo?* (Lc 24, 5).

Essa mesma indagação pode ser dirigida a nós: *Por que buscais entre os mortos aquele que vive?*

²⁰ *Caminho-Edição comentada por Pedro Rodríguez*. Ed. Quadrante, São Paulo 2016, p. 465

²¹ *Caminho*, n. 584

«Cristo vive! —. Esta é a grande verdade que enche de conteúdo a nossa fé»²².

O cristianismo não é uma teoria bonita, nem uma doutrina sugestiva, nem a recordação de um grande mestre espiritual. É *uma pessoa viva*: Jesus de Nazaré. Ser cristão é, acima de tudo, ter uma relação pessoal com “alguém”, com Jesus.

Por isso, somos mais ou menos cristãos conforme seja a *nossa relação pessoal com Cristo*.

Quantos não se perderam em devaneios teóricos por não terem procurado conhecer, «ver» Jesus! E, assim, ou o esqueceram, ou ficaram com uma imagem falsa: um Jesus de perfil impreciso, uma bela figura sentimental, adaptada ao gosto do “consumidor”, mas vazia de conteúdo. Vale a pena ler o que escrevia São Josemaria, pois é possível que seja o nosso retrato:

«Esse Cristo que tu vês não é Jesus. - Será, quando muito, a triste imagem que podem formar teus olhos turvos... - Purifica-te. Clarifica o teu olhar com a humildade e a penitência. Depois... não te hão de faltar as luzes límpidas do Amor. E terás uma visão perfeita. A tua imagem será realmente a sua: Ele!»²³.

O mesmo santo vai nos dar uma pista para procurar com segurança o Jesus verdadeiro, e não uma ficção ou um sucedâneo dele: «Não entendo — costumava dizer — como se pode viver cristãmente sem sentir a necessidade de uma amizade constante com Jesus na Palavra e no Pão, na oração e na Eucaristia»²⁴.

Grave bem isso, porque é aí, na *Palavra* e na *Eucaristia* onde sempre o encontraremos.

Procurar na Palavra

Toda a Bíblia, toda a Sagrada Escritura — Palavra de Deus — nos encaminha para Cristo. *Tendo Deus falado outrora aos nossos pais, muitas vezes e de muitas maneiras, pelos profetas — diz a Carta aos Hebreus —, agora falou-*

²² São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 102

²³ *Caminho*, n. 212

²⁴ *É Cristo que passa*, n. 154

nos, nestes últimos tempos, pelo Filho..., resplendor da sua glória e imagem da sua substância (Hb 1, 1-3).

Comentando esse texto, São João da Cruz afirmava que Jesus, sendo o cume da revelação de Deus aos homens, é «a Palavra única de Deus, e outra não há. Deus tudo nos falou de uma só vez nesta única Palavra, e nada mais tem a falar»²⁵.

Neste mesmo sentido, o teólogo medieval Hugo e São Vítor declarava: «Toda a Escritura constitui um único livro, e o seu título é *Cristo*». Tudo nela — se deixamos que o Espírito Santo nos abra os olhos — fala, de um modo ou de outro, de Jesus, o Messias prometido, o Salvador dos homens.

Umaz vezes anuncia-o entre véus, por imagens e símbolos, outras por profecias, outras retratando de maneira espantosamente exata momentos da vida de Jesus, como faz Isaías “descrevendo” a Paixão do Senhor muitos séculos antes de que acontecesse (cf. Is 53, 2 ss).

Dentro da Bíblia, como é natural, o “rosto” de Cristo se manifesta plenamente nos quatro Evangelhos. Conhecendo-os, saboreando-os, meditando e aprofundando neles, “veremos” Cristo e o nosso coração se inflamará. Reviveremos, assim, a experiência dos discípulos de Emaús: *Não ardia o nosso coração dentro de nós, enquanto nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?* (Lc 24, 32).

Pergunte-se agora: Como é o meu conhecimento dos Evangelhos? Deveria ser grande, minucioso, saboreado, profundo. Uma leitura diariamente aprofundada, num clima de reflexão e oração. Infelizmente, não é essa a atitude de muitos católicos.

Falta o hábito daquilo que os fiéis de tempos antigos chamavam *lectio divina*, a leitura orante. Todos os dias procuravam ler e meditar alguns trechos do Evangelho, perguntando-se: «O que diz? O que *me* diz? O que vou responder a essas palavras que o Espírito Santo — autor principal e inspirador da Escritura Sagrada — me dirige pessoalmente?»

«O Senhor chamou-nos — escreve são Josemaria — para que o seguíssemos de perto; e nesse texto santo, *encontrarás a vida de Jesus; mas,*

²⁵ *Subida do Monte Carmelo*, 22,2. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 65

além disso, deves encontrar a tua própria vida... Esses minutos diários de leitura do Novo Testamento que te aconselhei — metendo-te e participando no conteúdo de cada cena, como um protagonista mais —, são para que encarnes, para que “cumpras” o Evangelho na tua vida...»²⁶.

Não podemos contentar-nos com ter «uma ideia geral do espírito de Jesus, mas é preciso aprender dele pormenores e atitudes... Quando amamos uma pessoa, desejamos conhecer até os menores detalhes da sua existência, do seu caráter, para assim nos identificarmos a ela. É por isso que temos que meditar na história de Cristo, desde o seu nascimento num presépio até à sua morte e sua ressurreição»²⁷.

Veja o conselho prático que, a esse respeito, dava o Papa Francisco: «Na presença de Deus, numa leitura tranquila do texto, é bom perguntar-se, por exemplo: “Senhor, a *mim* que me diz esse texto? Com esta mensagem, que queres mudar na minha vida? Por que é que isto não me interessa? Ou então, de que é que eu gosto? Em que me estimula esta palavra? O que me atrai? Por que me atrai?”»²⁸.

Se fizermos isso, acabaremos olhando para o rosto de Jesus e lhe diremos como Pedro: *Só tu tens palavras de vida eterna* (Jo 6, 68).

Ao mesmo tempo, essa leitura que aprende a escutar a voz de Deus, é o início de um *diálogo*, pois suscita em nós a vontade de dar uma “resposta”, de praticar uma conversa que nos identifique cada vez mais com Jesus ²⁹.

Procurar na Eucaristia

O cristianismo — voltamos a recordar — é essencialmente uma Pessoa viva.

Ora, não há nenhum “lugar” onde possamos encontrar Cristo vivo melhor do que na Eucaristia.

²⁶ S. Josemaria Escrivá, *Forja*, n. 754 e *Sulco*, n. 672

²⁷ São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 107

²⁸ Exortação apostólica *A alegria do Evangelho*, n. 153

²⁹ Uma exposição mais extensa deste tema pode ser encontrada no nosso livro *Para estar com Deus*, Cultor de Livros, São Paulo 2012, pp. 50-62

Gosto muito de um quadro natalino de Gentile da Fabriano, que se encontra na Galleria degli Uffizi, em Florença. O Menino Jesus, no colo da Mãe, acaricia com a mãozinha esquerda a calva de um dos três Magos, que está prostrado a seus pés. Uma cena familiar, como um netinho com o avô.

Pois bem, esse Jesus amoroso, cheio de ternura é o mesmo que encontramos — feito *pão vivo* — na Eucaristia. Podemos encontrá-lo, assim, intimamente:

— quando o adoramos na elevação da Hóstia consagrada na Missa («Meu Senhor e meu Deus!»)

— quando o recebemos na Sagrada Comunhão («Bem-vindo a mim, Jesus!»)

— quando o visitamos presente no Sacrário («Creio que estás aqui, que me vêes, que me ouves!»).

Estamos, sem dúvida, diante do maior mistério do Amor de Deus, pois na Eucaristia Jesus não só se faz presente, como atualiza o *mistério pascal* — cume da sua vida e sua entrega — , ou seja, o mistério da sua Paixão, Morte e Ressurreição redentoras. Se o cético Tomé ficou desvanecido ao apalpar com suas mãos as chagas de Jesus ressuscitado, pense que nós o “apalpamos” todas as vezes que comungamos.

«Na santíssima Eucaristia — escreveu são João Paulo II — está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo³⁰...

»A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como o *dom por excelência*, porque dom d'Ele mesmo, da sua Pessoa na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação...

»Esta obra não fica circunscrita no passado, pois tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente»³¹.

³⁰ Concílio Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*, n. 5

³¹ Encíclica *Ecclesia de Eucaristia*, n. 11

Paremos agora uns momentos para deixar o coração prorromper em propósitos (talvez unidos a lágrimas) de amar muitíssimo mais a Eucaristia. Mas de amar de modo prático, com obras e de verdade.

Que tristeza nos deveria produzir a lembrança do nosso frequente descaso da presença do Senhor nesse mistério. Amor com amor se paga. Nós, muitas vezes já o pagamos com gelada indiferença.

Que fazer, então? Simplesmente, procurá-lo com mais força e amor na Eucaristia:

- Primeiro, participando da Santa Missa todos os domingos e dias de preceito... e, sendo possível, aumentando a assistência, até chegar à participação diária ou quase diária.

- Em segundo lugar, decidindo-nos a comungar com a maior frequência possível, sempre que tenhamos as devidas disposições, e confessando-nos antes, se alguma falta de mais entidade nos impede de comungar.

- E ainda, dispendo-nos a visitá-lo, se possível diariamente, no Sacrário, mesmo que só possamos permanecer junto dele — no silêncio de uma igreja ou capela — por uns poucos minutos.

A respeito da *visita* ao Santíssimo, são João Paulo II abria a sua alma com palavras tocantes: «É bom demorar-se com Ele e, inclinado sobre o seu peito como o discípulo predileto (cf. *Jo* 13, 25), deixar-se tocar pelo amor infinito do seu coração. Se atualmente o cristianismo se deve caracterizar sobretudo pela “arte da oração”, como não sentir de novo a necessidade de permanecer longamente, em diálogo espiritual, adoração silenciosa, atitude de amor, diante de Cristo presente no Santíssimo Sacramento?

»Quantas vezes, meus queridos irmãos e irmãs, fiz esta experiência, recebendo dela força, consolação, apoio!... A Eucaristia é um tesouro inestimável: não só a sua celebração, mas também o permanecer diante dela fora da Missa permite-nos beber na própria fonte da graça... Uma comunidade cristã que queira contemplar melhor o rosto de Cristo, não pode deixar de desenvolver também

este aspecto do culto eucarístico, no qual perduram e se multiplicam os frutos da comunhão do corpo e sangue do Senhor»³².

3. QUE ENCONTRES CRISTO

Um oceano sem fundo

São Paulo, na Carta aos efésios usa uma expressão muito sugestiva. Fala de que *a mim, o menor de todos os cristãos, coube-me a graça de anunciar entre os pagãos as insondáveis riquezas de Cristo* (Ef 3,8).

Ele tem consciência de que o mistério de Cristo é como um oceano sem fundo, insondável, onde por mais que se penetre, nunca se chega ao fim.

Confesso-lhe que me produz tristeza e malestar ouvir alguém que, quando lhe sugiro que leia diariamente o Evangelho, me responde: «Os Evangelhos, eu já li». É como um soco, não no estômago, mas no coração. Como é possível?

Uma pessoa pode viver cem anos, meditando cada dia atentamente o Evangelho, e dar-se conta de que não captou senão uma pequena parte dos tesouros que nele se encerram.

«Alegra-te pelo que entendeste — dizia santo Efrém, o Sírio — , e não te entristeças pelo que ainda fica por compreender. O sedento alegra-se quando bebe e não se entristece porque não pode esgotar a fonte... Quando voltares a ter sede poderás de novo beber dela... O que por tua fraqueza não conseguiste captar em um determinado momento, poderás captá-lo em outra ocasião, se perseverares»³³.

Por isso, o cristão que diz «já li o Evangelho, já o conheço», pode estar certo de que *ainda não encontrou Cristo*. Adquiriu, quando muito, uma informação superficial e fragmentária, mas não encontrou Jesus.

São João da Cruz nos incentiva com uma comparação muito bela: «Assim, há muito que aprofundar em Cristo, sendo Ele qual abundante mina com muitas cavidades cheias de ricos veios, e por mais que se cave, nunca se chega ao

³² Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, n. 25«

³³ *Diatéssaron* 1, 18-19

termo, nem se acaba de esgotar; ao contrário, se vai achando em cada cavidade novos veios de novas riquezas, aqui e ali, conforme testemunha são Paulo quando disse do mesmo Cristo: *Em Cristo estão escondidos todos os tesouros de sabedoria e ciência (Cl 2,3)*»³⁴.

Na sua primeira encíclica, *A alegria do Evangelho*, o Papa Francisco ilustrava este mesmo pensamento: «Cristo é a *Boa Nova de valor eterno* (Ap 14,3), sendo o *mesmo ontem, hoje e pelos séculos* (Hb 13,8), mas a sua riqueza e a sua beleza são inesgotáveis. Ele é sempre jovem, e fonte de constante novidade. A Igreja não cessa de se maravilhar com a *profundidade de riqueza, de sabedoria e de ciência de Deus* (Rm 11,33)... Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas...»³⁵.

De que condições precisamos para *encontrar* cada vez mais as *insondáveis riquezas de Cristo*?

Vou responder com palavras de são Josemaria já citadas nestas páginas: «Purifica-te. Clarifica o teu olhar com a humildade e a penitência. Depois... não te hão de faltar as luzes límpidas do Amor. E terás uma visão perfeita»³⁶.

Sobre a base da fé, que é o alicerce imprescindível, fazem-nos falta, portanto, duas coisas:

- Purificar-nos, procurar limpar o nosso coração
- Clarificar o nosso olhar espiritual com a humildade e a penitência

Purificar as manchas do coração

Você já se viu nesses espelhos dos parques de diversões, que desfiguram a imagem, alongando-a, alargando-a, entortando-a?

O nosso coração é como um espelho. Se está estragado, as imagens da realidade — também a imagem de Cristo — refletem-se nele deformadas. «Os olhos veem pelo coração», dizia o Pe. Vieira.

³⁴ *Cântico espiritual*, canção 37, 4

³⁵ Carta encíclica *Evangelii Gaudium*, n. 11

³⁶ *Caminho*, n. 212

A experiência nos faz perceber que, se o nosso coração é orgulhoso, não somos objetivos, vemos antes de mais os defeitos dos outros — os que os rebaixam — e não valorizamos as suas qualidades; se o nosso coração está lambuzado de sensualidade, só vemos carne consumível onde Deus vê filhos e filhas; se o nosso coração é preguiçoso, agiganta as dificuldades para justificar o descumprimento dos deveres; se o coração é tomado por vícios e hábitos egoístas, a doutrina moral vê-se como uma opressão.

Essas deformações — nossos vícios e pecados — deturpam o nosso conhecimento de Cristo e nos impedem de encontrá-lo. *O coração deste povo se endureceu* — dizia Jesus citando Isaías —: *taparam seus ouvidos e fecharam os seus olhos* (Mt 13,15).

Jesus fala com tristeza dos corações manchados: *Todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado* (Jo 8, 34), está amarrado, acorrentado a si mesmo e ao Inimigo. Enquanto não reconhecemos humildemente as nossas infidelidades e não nos esforçamos, com a ajuda da graça, para purificar o nosso coração, ficamos como prisioneiros numa masmorra escura.

O coração se purifica — líamos acima — com a *humildade* e a *penitência*.

Primeiro, com o humilde reconhecimento das nossas faltas, especialmente das que mais nos cegam, quer dizer, daquelas a que estamos mais apegados e menos dispostos a mudar.

É difícil? Sim. Mas todos podemos viver a experiência feliz do publicano que, batendo no peito num canto do templo, suplicava: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!* E o Senhor o acolheu, e ele *voltou para casa justificado* (Lc 18,13-14).

Todos somos convidados a receber de Deus o abraço do perdão e a chuva de beijos e dons que o filho pródigo recebeu do pai, quando voltou, arrependido, para casa: *Pai, pequei contra o Céu e contra ti...* E o Pai: *Façamos uma festa, porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado* (Lc 15, 20-24).

Para alcançarmos essa jubilosa experiência, o melhor caminho é:

— habituar-nos a fazer todas as noites um exame de consciência sobre o dia que passou e, depois de agradecer as coisas boas do dia, pedir sinceramente

perdão a Deus pelas faltas cometidas, e formular um propósito concreto de lutar contra elas, com a ajuda da graça;

— adquirir — se ainda não o temos — o costume da confissão individual frequente, bem preparada, contrita e sincera.

Então, *nossos olhos ficarão sempre fixos no Senhor* (cf. Sl 24[25], 15), e veremos Jesus com uma luz nova (cf. Mt 11, 5).

A penitência é a resposta do amor arrependido ao amor de Deus ofendido, é um amor nosso que não fica só pedindo perdão, mas procura reparar os erros cometidos.

Clarificar o olhar do coração

Cristo não se esgota com um ou com cem olhares superficiais. Já comentamos isso antes.

Detenhamo-nos agora a pensar um pouco mais na aventura de quem adentra constantemente no mar de luz que é Cristo.

Com o olhar interior purificado pela humildade e a penitência, Jesus faz *brilhar a sua luz em nossos corações* (2 Cor 3, 18), e nos leva ao encantamento de descobrir facetas sempre novas do *esplendor de Deus, que se reflete na face de Cristo* (2 Cor 4,6). É uma experiência feliz que são Paulo viveu.

É claro que, para facilitar isso, além do hábito de meditar a Sagrada Escritura, precisamos:

— adquirir o hábito da leitura espiritual cristã, se possível diária (quem quer mesmo, acha tempo para isso), pedindo a orientação oportuna para escolher as obras formativas mais úteis para nós em cada situação da vida — há muitas leituras e muito boas —; sempre podemos ler algum livro que nos ajude.

— aprofundar também nas raízes doutrinárias da fé com o estudo frequente do *Catecismo da Igreja Católica*, bem como dos principais documentos do Magistério da Igreja e de bons textos de doutrina segura sobre questões de atualidade³⁷. Em suma, precisamos melhorar muito a nossa cultura católica.

³⁷ Cada vez mais, graças a Deus, podem ser encontrados cursos, áudios e leituras católicas muito valiosas na Internet

Sabe qual é o sinal mais claro de que o coração se vai clarificando? A alegria das «descobertas»: o entusiasmo de descobrirmos, dentro do tesouro da verdade cristã, riquezas nunca dantes imaginadas, respostas luminosas, ideias cativantes, verdades ainda não compreendidas.

É, como dizem alguns, a alegria de descobrir «novos Mediterrâneos».

Essa expressão é comum entre países da Europa, para os quais o mar Mediterrâneo, o *mare nostrum* dos romanos, é milenarmente conhecido, navegado e desfrutado.

Descobrir um «novo Mediterrâneo» significa, por isso, encontrar inesperadamente — pelo sopro do Espírito Santo — um significado inédito, fantástico, em algo que já conhecíamos talvez de cor, que até comentávamos e ensinávamos: um novo Mediterrâneo no velho mar Mediterrâneo.

É o Espírito Santo quem leva as almas fiéis a desfrutarem dessas descobertas. Assim aconteceu muitas vezes, por exemplo, com são Josemaria, que recebia a graça e tirar água fresca espiritual de poços que pareciam já exauridos ³⁸.

Procurar as pérolas escondidas

Para sermos descobridores de “novos Mediterrâneos”, temos que pedir a Deus o espírito daquele *mercador que procurava boas pérolas*, e que não parou até achar uma pérola tão valiosa que, para comprá-la, não hesitou em *vender tudo o que tinha* (Mt 13, 45-45). Tomara que Deus nos ajude a encontrar muitas dessas pérolas dentro do mar da fé, da doutrina, da liturgia, das devoções, da vida cristã.

Às vezes me passa pela cabeça que estamos vivendo uns tempos em que as pérolas de que temos mais urgente necessidade são aquelas a que os filósofos chamavam, desde tempos antigos, os «transcendentais do ser».

Sabe quais são? *Unum, Verum, Bonum, Pulchrum*, quer dizer, a Unidade, a Verdade, a Bondade e a Beleza.

³⁸ Ver, no site *opusdei.org*, o livro eletrônico *Novos Mediterrâneos*

Esses transcendentais formam em Deus uma unidade simples, que funde as quatro pérolas no próprio ser de Deus. Nós temos que começar dando-nos conta de que os quatro transcendentais correspondem às necessidades mais profundas do nosso ser, às nostalgias íntimas que a maioria ignora, mas cuja ausência é a causa profunda do nosso sofrer.

— Que sede de “*unidade*” temos nós neste mundo dilacerado, esmigalhado, como um caleidoscópio onde não parece haver nada fixo. Muitos, como diria Mário de Andrade, *são trezentos* e não uma só pessoa; ou seja, não são uma personalidade única, coerente, harmônica, mas pretendem soldar o insoldável: a verdade com a mentira ou com trezentas mentiras; o egoísmo doentio com compensações fugazes de amor inconsistente; a solidariedade e bem-estar da humanidade com as injustiças pessoais e a indiferença em relação aos mais próximos na família e no trabalho; o amor à Natureza com a abolição da natureza humana...

— Que nostalgia profunda da Verdade! De uma verdade que não mude de cor nem de direção a cada cinco minutos, conforme o arbítrio de cada um. De uma Verdade com maiúscula que, como a estrela dos Magos, às vezes pode se ocultar e tornar difícil, mas que nunca vira no seu contrário, nem se desmente, nem reduz o seu conteúdo, antes permanece fiel a si mesma e brilha como um astro inapagável, capaz de orientar a vida com a segurança de Deus.

Na Missa do início do Conclave que o elegeira Papa, o Card. Ratzinger fazia eco à exortação de São Paulo aos cristãos de Éfeso, quando lhes pedia que não andassem *batidos pelas ondas e levados ao sabor de qualquer vento de doutrina...* (Ef 4, 14). «Uma descrição muito atual! — dizia Ratzinger —. Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decênios, quantas correntes ideológicas, quantos modos de pensamento... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi não raro agitada por estas ondas — lançada de um extremo ao outro...

»O *relativismo*, isto é, o deixar-se levar *ao sabor de qualquer vento de doutrina*, aparece como a única atitude à altura dos tempos atuais. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que usa como critério último apenas o próprio “eu” e os seus apetites... Nós, pelo contrário, temos um outro critério: o Filho de Deus..., que nos dá o critério

para discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso, entre engano e verdade»³⁹.

— Que nostalgia também, meu Deus, da Bondade, que assinala sem erro a diferença entre o bem e o mal. «Nenhum homem — escrevia são João Paulo II — pode esquivar-se às perguntas fundamentais: *Que devo fazer? Como discernir o bem do mal?* A resposta somente é possível graças ao esplendor da verdade que brilha no íntimo do espírito humano, como atesta o salmista: *Muitos dizem: "Quem nos fará ver o bem?" Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz da vossa face* (Sl 4, 7).

»A luz da face de Deus resplandece em toda a sua beleza no rosto de Jesus Cristo, *imagem do Deus invisível* (Col 1, 15), *resplendor da sua glória* (Heb 1, 3), *cheio de graça e de verdade* (Jo 1, 14): Ele é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14, 6). Por isso, a resposta decisiva a cada interrogação do homem, e particularmente às suas questões *religiosas* e *morais*, é dada por Jesus Cristo, mais ainda, é o próprio Jesus Cristo»⁴⁰.

— Por fim, temos uma imensa sede da autêntica Beleza, sinal de Deus, suprema Beleza. O Papa Bento XVI insistiu muitas vezes em que a *via pulchritudinis*, ou seja a *via da beleza*, é um dos mais excelentes caminhos que temos para chegar a Deus. A nossa alma tem *sede do Deus vivo*, anseios de contemplar o *rosto de Deus* (cf. Sl 41[42], 3), de ver Cristo, *o mais belo dentre os filhos dos homens* (Sl 44[45], 3).

Um dos sinais mais evidentes da negação do «rosto de Deus» numa cultura é a exaltação cada vez maior do feio, do sujo, do repulsivo, do caricato, do disparatado: na música, na pintura, na literatura, no teatro, no cinema... Deus não está lá onde impera a estética do banheiro público. Quando Deus, a Beleza por essência da qual participam todas coisas belas, é expulso da escola, das leis, da mídia e de seus múltiplos braços — como os da deusa hindu Durga —, perde-se um dos caminhos mais límpidos que existem para encontrar Jesus.

A exclusão dos transcendentais talvez seja o sinal mais evidente da exclusão de Deus. Mas, precisamente por isso, constitui a maior carência, a maior fome de que o mundo padece, ainda que a imensa maioria não a sinta de modo

³⁹ Homilia da Missa *Pro eligendo Summo Pontifice*, 18/04/2005

⁴⁰ Encíclica *Veritatis splendor*, n. 2

explícito. Muitos corações cansados, traídos, decepcionados, estão gritando com grandes vozes silenciosas o que pedia um grupo de pagãos no dia da entrada de Cristo em Jerusalém: *Queremos ver Jesus!* (Jo 12, 21).

1. QUE AMES A CRISTO

Ele nos amou primeiro

Há umas palavras de são Josemaria que eu desejaria manter sempre gravadas no meu coração, e gostaria que se gravassem na alma de muitos cristãos:

- «Estar com Cristo é estar seguro.
- »Poder-se olhar em Cristo é poder ser cada dia melhor.
- »Tratar Cristo é necessariamente amar a Cristo.
- »E amar a Cristo é garantir a felicidade»⁴¹.

Nas páginas anteriores refletimos sobre as frases «Que procure Cristo» e «Que encontres Cristo». Restam-nos umas últimas considerações a fazer sobre o terceiro item da trilogia que orienta esta segunda parte: «Que ames a Cristo»⁴².

Muito sobre o amor a Cristo já foi visto até aqui. Mas há um ponto que é preciso colocar em destaque, e é este: O mais importante no amor de Cristo, não é o amor que nós lhe damos, mas o que *Ele nos dá*.

Nas palavras da despedida de Jesus, conversando com os Apóstolos na Última Ceia, há muitas frases impagáveis. Jesus despede-se deles e fala claramente de que será entregue, esquecido, abandonado, traído, torturado e morto. Mas, em vez de se queixar, desdobra-se em manifestações de afeto e de ânimo. Creio que lhe dou um conselho muito bom se lhe sugiro que leia e medite com frequência os capítulos 13 a 17 do Evangelho de são João.

⁴¹ São Josemaria Escrivá, *En diálogo con el Señor*, Edição crítico-histórica. Ed. Rialp, Madrid 2017

⁴² Cf. *Caminho*, n. 382

Uma dessas frases impagáveis é a seguinte: *Como o Pai me ama, assim também eu vos amo. Permanecei no meu amor* (Jo 15,9).

Você se dá conta do que Ele nos diz aqui? Antes de exigir-nos nada, pedem-nos que permaneçamos na convicção, no calor, na gratidão, na certeza de seu amor por nós.

São João, que sabia disso, começa seu relato da Última Ceia com estas palavras: *Sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o extremo* (Jo 13, 1).

Até que extremo? Jesus o explica: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos* (Jo 15,13).

Dá-nos a sua vida é a dá na Cruz! Dá por você e por mim, fracos como os apóstolos, cheios de covardias e traições como eles. Quando pensamos nisso, entendemos o que afirmava um pregador: «Nós, com Cristo, podemos fazer o que quisermos: esquecê-lo, ofendê-lo, renegá-lo, crucificá-lo de novo. Mas há uma única coisa que não podemos fazer: conseguir que Ele não nos ame».

Os primeiros cristãos tinham viva consciência disso. Veja, se não, as seguintes expressões com que a manifestam:

- São Paulo: *A minha vida presente na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim* (Gl 2, 20).

- São João: *Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em ter-nos Ele amado primeiro, e enviado seu Filho para expiar nossos pecados* (1 Jo 4, 8.10).

- São Pedro, escrevendo aos fiéis perseguidos, depois de louvar a alegria que eles mantêm *apesar das aflições*, fala de Cristo. *A esse Jesus — diz — vós o amais sem o terdes visto; credes nele sem o verdes ainda, e isto é para vós a fonte de uma alegria inefável e gloriosa* (1 Pd 1, 6-8).

Aí está o verdadeiro “motor” da vida cristã, das nossas lutas, das nossas boas ações, da nossa fortaleza, do nosso arrependimento, da nossa confiança. O único motor é o amor. São Paulo o resume assim: *O amor de Cristo nos constrange*, é ele que nos impele (2 Cor 5, 14).

Diante disso, que faremos nós para sermos menos indignos desse amor? Há duas respostas importantes, que Cristo nos dá na Última Ceia: Ele espera de nós que *sejamos seus amigos*, e que *façamos a vontade de Deus*.

Eu vos chamei amigos

Na Santa Ceia, Jesus, depois de dizer aos apóstolos *como a Pai me ama, assim também eu vos amo*, esclarece o tipo de amor que deseja. *Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor, mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai* (Jo 15, 9.15).

Jesus “abriu-se” totalmente a nós (até mesmo seu coração chagado ficou fisicamente aberto na Cruz), e deseja achar em nós corações totalmente abertos a Ele, ou seja, achar em nós *amigos*, com todas as qualidades da amizade: amor, confiança, sinceridade, sacrifício, lealdade...

Você se lembra dos fatos que precederam a ressurreição de Lázaro? Lázaro, Marta e Maria eram três irmãos da cidadezinha de Betânia, próxima de Jerusalém, em cuja casa Jesus se hospedava habitualmente quando subia à cidade santa. Naquela casa, junto desses três amigos, Ele achava um lar.

São Lucas expressa a bem a familiaridade que reinava naquela família. Focaliza Jesus que fala, Maria que o escuta sentada a seus pés e Marta, nervosa com a lida da casa, reclamando com Jesus: *Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha com todo o serviço* (Lc 10, 38-42). Que confiança!

Passado um tempo, Lázaro — provavelmente o caçula — adoeceu gravemente. Imediatamente, as irmãs enviaram um mensageiro a Jesus, que se achava longe dali, com o seguinte recado: *Senhor, aquele que tu amas está doente* (Jo 11, 3).

Acho esse brevíssimo recado comovente. Não explicam nada, não pedem nada, basta-lhes dizer a Jesus que *aquele tu que amas está doente*. Estava tudo dito. Que certeza tinham da amizade de Cristo!

Poucos dias depois, Jesus realizou seu maior milagre: a ressurreição de Lázaro (Jo 11, 17-44).

Na Missa do início do seu pontificado, em 24 de abril de 2005, Bento XVI dizia: «Só quando encontramos em Cristo o Deus vivo, conhecemos o que é a vida... Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário. Não há nada mais belo do que ser alcançados, surpreendidos por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-Lo e comunicar com os outros a Sua amizade»...

»Quem faz entrar Cristo em si nada perde, nada absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande. Não! Só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade se abrem realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade experimentamos o que é belo e o que liberta».

Está compreendendo por que dizemos que ser cristão é acima de tudo ser amigo de Cristo? Da parte dele, a amizade está garantida. Isso permitia a santa Teresa de Ávila definir, com toda a simplicidade, que «a oração mental não é, em meu entender, senão uma relação íntima de amizade, em que muitas vezes nos entretemos a sós com aquele que sabemos que nos ama»⁴³.

Essa certeza de ser amada, essa confiança, levava santa Teresa a familiaridades que, para nós, seriam chocantes. Assim aconteceu, por exemplo, que, quando num certo dia se queixava a Jesus de ter que padecer tantas dificuldades, Ele lhe teria respondido: «Teresa, é assim que eu trato meus amigos». E ela, com a franqueza da amizade: «Por isso tens tão poucos!».

Quando nos esforçamos por viver vida de fé e de oração, quando procuramos Jesus e o encontramos, como lembrávamos acima, o dia inteiro pode se transformar num diálogo de amigos entre Ele e nós.

Lembro que me contaram, há tempo, o caso de um menino de nove ou dez anos, que passando férias na praia, depois da Missa e do café da manhã, foi nadar, e falou assim com Jesus, que acabava de receber na comunhão: «Olha, Jesus, agora nós dois vamos mergulhar no mar, você irá comigo, e será como se fosse num submarino».

Quantas mulheres e homens comuns, cristãos com defeitos como nós, mas cheios de fé e amor, não falam muitas vezes ao dia com «o Grande Amigo que

⁴³ *Livro da Vida*, cap. 8

nunca atraíçoa»⁴⁴: «Jesus — dizem-lhe —, agora nós dois vamos sair à rua e pegaremos juntos o ônibus», «Jesus, vamos começar a trabalhar; me ajuda a fazer um trabalho bem feito, que te agrade», «Jesus, ajuda essa pobre menina, que está sofrendo com a doença da mãe», «Jesus, dá-me paciência para não me irritar com o chefe», «Jesus, faz com que esqueça o mau humor ao chegar em casa e dá-me um belo sorriso para a minha mulher — para o meu marido».

Quando você estiver confuso, quando duvidar da Providência de Deus, quando se sentir incapaz de vencer as tentações, quando reclamar de que ser cristão é só questão de imposições e obrigações, lembre-se destas palavras: «Jesus é teu amigo. - O Amigo. - Com coração de carne como o teu. - Com olhos de olhar amabilíssimo, que choraram por Lázaro... - E, tanto como Lázaro, te ama a ti»⁴⁵.

E diga-lhe então: «Como te fazes compreender, Senhor! Como te fazes amar! Tu te mostras como nós, em tudo menos no pecado, para que saibamos palpavelmente que contigo podemos vencer as nossas más inclinações, as nossas culpas. Que importância tem o cansaço, a fome, a sede, as lágrimas?... Cristo cansou-se, passou fome, teve sede, chorou. O que importa é a luta - uma luta amável, porque o Senhor permanece sempre ao nosso lado - para cumprir a vontade do Pai que está nos Céus» (Cf. Jo 4, 34)⁴⁶.

Se me amais, guardareis meus mandamentos

Este é um segundo amor que Jesus espera de nós.

A que «mandamentos» Ele se refere com essas palavras (Jo 14, 15)?
Escutemos a resposta que nos dá:

• Em primeiro lugar. *O primeiro de todos mandamentos é este: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente e com todas as tuas forças».*

⁴⁴ *Caminho*, n. 88

⁴⁵ *Ibidem*, n. 422

⁴⁶ São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 201

Quando lemos o Evangelho, percebemos que o amor ao Pai, o amor à vontade do Pai, era a *chama ardente* da alma de Jesus. *Eu vim lançar fogo à terra, e que quero? Oxalá já ardesse!* (Lc 12, 49). Ansiava cumprir a missão salvadora dada pelo Pai.

Abá, Pai — pai muito querido —, essa era a forma que Ele tinha de se dirigir a Deus, e que nos ensinou a nós, seus *irmãos* (Rm 8,29) ⁴⁷: *Pai nosso; vosso pai vê, vosso pai sabe, vosso pai cuida* — são expressões contínuas no ensinamento de Cristo, cheias de ternura. A pessoa que não vibra de agradecimento ao pensar na grandeza dessa filiação, não sabe o que é ser cristão.

• *O segundo mandamento é este: «Amarás a teu próximo como a ti mesmo. Maior do que estes não há mandamento algum»* (Mc 12, 29-31).

O que Jesus manda, o que nos pede, enfim, resume-se na palavra «amar». Quer que a nossa vida, com a ajuda dEle, com a graça do Espírito Santo que nos envia, seja uma «história de amor»⁴⁸

— Antes de mais nada, amar a Deus *como filhos muito queridos* (Ef 5,1).

Esta é a «identidade» do cristão: ser filho de Deus, amar a Deus com um carinho filial, que tem por modelo o amor de Jesus pelo Pai. *O Próprio Pai vos ama* — Ele nos insiste —, *porque vós me amastes e crestes que saí de Deus* (Jo 16,27).

A certeza dessa filiação sobrenatural, fruto da graça do Espírito Santo na alma — *deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus* (Jo 1, 12) —, enchia de gozo os primeiros cristãos.

Com que entusiasmo são João fala dela: *Considerai com que amor nos amou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos! Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus!* (1 Jo 3, 1-2).

— Ao lado do amor filial a Deus, inseparavelmente unido a ele, está o amor ao próximo. Preste atenção a um detalhe que focalizaremos a seguir: Quando

⁴⁷ Deus nos predestinou — diz são Paulo — *a sermos conformes à imagem do seu Filho, a fim de que este seja o primogênito entre muitos irmãos* (Rm 8, 29).

⁴⁸ Cf. Bento XVI, Encíclica *Deus caritas est*, n. 17

Jesus fala do mandamento do amor fraterno, faz questão de dizer que não é um amor qualquer, e por isso usa duas vezes a palavra «como»:

- *Amarás a teu próximo «como» a ti mesmo* (Mc 12, 31; cf. Lv 19, 18).
- *Este é o meu mandamento, amai-vos uns aos outros «como» eu vos tenho amado. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos* (Jo 15, 12-13).

Esses dois «como» nos fazem ver claro. Por um lado, dizem-nos que o amor cristão não pode ser «autista». Não podemos viver voltados para nós mesmos, contemplando-nos constantemente num espelho, como a bruxa da Branca de Neve, e perguntando-nos: «Sou bom?». «Estou melhor?». «Estou satisfeito?». «Estou realizado?». «Sou feliz?». «Tenho sucesso?».

Para o cristão, vencer o egoísmo, viver voltado generosamente para os outros é tão fundamental, que o apóstolo são João não hesita em escrever: *Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê* (1 Jo 4, 20).

O que é amar o próximo? Medite a parábola do bom samaritano (Lc 10, 30-37), olhe atentamente para a vida de Jesus; fixe o olhar na sua solicitude, na sua misericórdia, na sua compreensão; na fé que infunde, na esperança que acalenta, no amor que irradia; na sua plena dedicação a todos; na incansável ânsia de fazer o bem, de difundir a luz da verdade, de abençoar, de perdoar, de recuperar os que se tinham extraviado, de dar de comer aos que tem fome, de tratar com carinho e remediar os doentes e os pobres, de levar as almas ao arrependimento e ao amor do Pai... ; enfim, de *ser o servidor de todos* (Mc 9, 35), e *dar a vida pela salvação de muitos* (Mt 20, 28)..

Jamais se esqueça disso. Ao meditar, ao orar, ao comungar, olhe para Jesus nos olhos, e peça-lhe a graça de compreendê-lo e de imitá-lo: *As palavras que vos tenho falado são espírito e são vida* (Jo 6, 63). *Eu sou o caminho...* (Jo 14, 6).

Entende por que Cristo nos pede: *que vos ameis «como» eu vos tenho amado?*

Levantai os vossos olhos

Nos começos da vida pública de Jesus, há uma passagem que não nos pode deixar indiferentes.

São Mateus narra que Jesus *percorria todas as cidades e aldeias. Ensinava nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando todo mal e enfermidade.*

A seguir, revela quais eram os sentimentos de Cristo naquela sua incansável dedicação a todos:

Vendo a multidão, ficou tomado de compaixão, porque estava enfraquecida e abatida como ovelhas sem pastor. Disse, então, a seus discípulos: «A messe é grande, mas os operários são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da messe que envie operários à sua seara (Mt 9, 36-38).

Doía a Jesus no coração contemplar tanto abandono, tanta dor, tanta carência: tantos sofrimentos físicos (doença, violência, miséria, pobreza) e morais (ignorância, descrença, infidelidade, engano, manipulação); e, por isso, ansiava por discípulos contagiados pelo fogo do seu amor, que percebessem que essa situação do mundo os interpela, os chama a dar e a dar-se — sobretudo a *dar-se* — incansavelmente, decididos a serem *outros Cristos* para os demais.

Jesus mostra esses mesmos sentimentos do coração, após a conversa com a mulher samaritana. Sentado junto do poço de Sicar, Ele fica sozinho. Os apóstolos tinham ido comprar mantimentos e, ao voltarem, encontram-no ensimesmado, absorvido em seus pensamentos.

— *Mestre, come, dizem-lhe. E Ele responde: Eu tenho um alimento que vós não conheceis... Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e completar a sua obra.*

Logo a seguir, ergue a cabeça e percorre com o olhar as terras de lavoura que tem ao seu redor. Abre, então, o coração e convida os discípulos: *Levantai os*

vossos olhos e vede os campos, que já estão branquejando para a ceifa (Jo 4, 31-35).

Há no mundo uma imensa colheita pronta e à espera, mas que se pode perder pelas nossas omissões.

Os campos são os homens e mulheres, jovens e velhos, são e doentes, cultos e incultos, que, no mundo, padecem necessidade de pão cotidiano e de Deus, pois são literalmente *ovelhas sem pastor*. Não tem luz, não têm orientação, são vítimas dos abusos do materialismo, da ganância que explora, da infâmia das drogas, da ignorância religiosa (a carência da verdade que lhes deveriam ter ensinado e não lhes ensinaram), das propagandas ideológicas que parecem cozinhadas no forno do *pai da mentira* (Jo 8, 44).

Que faremos nós para levar o amor, o auxílio, a verdade, a caridade de Cristo a esse mundo que gira sem rumo e enche milhões de vidas de vazio e decepção.

Lembro que, em maio de 1974, são Josemaria, reunido em São Paulo com muitos estudantes, os incentivava — à imitação de Jesus — a levantarem os olhos: «As pessoas — dizia-lhes— estão tristes. Fazem muito barulho, cantam, dançam, gritam — mas soluçam. No fundo do coração, só têm lágrimas: não são felizes, são desgraçados»⁴⁹. E os exortava a levar a todos a alegria de Cristo.

Muitos encontram-se, como dizia de si mesmo Gustavo Corção antes da sua conversão, «numa encruzilhada, como quem tivesse feito uma caminhada fatigante por estradas de pedra e lama, e visse cair a tarde chuvosa diante de uma divergência de caminhos que não iam ter a nenhum lugar»⁵⁰

Muitos anos atrás, são Josemaria tinha dado um diagnóstico, que continua sendo válido agora, e o será enquanto o mundo for mundo: «Um segredo. - Um segredo em voz alta: estas crises mundiais são crises de santos. – Deus quer um punhado de homens “seus” em cada atividade humana. – Depois... *pax Christi in regno Christi* – a paz de Cristo no reino de Cristo»⁵¹.

⁴⁹ Salvador Bernal, *Perfil do Fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo, 1978, p. 264

⁵⁰ *A descoberta do Outro*, Ed. Agir, Rio de Janeiro 1955, p. 34

⁵¹ *Caminho*, n. 301

Depois do que estivemos meditando nestas páginas, você não se anima a acolher essa interpelação divina, o apelo que Jesus nos faz a todos: *Eu vos escolhi e vos destinei para que deis fruto, e um fruto que permaneça* (Jo 15, 16)?

Se você quiser encontrar a resposta definitiva que faça sorrir Jesus, seu Amigo, penso que uma boa solução será aplicar a si mesmo o pensamento com que o livro *Caminho* começa, e que já ajudou muitas mulheres e homens a dar uma virada decisiva às suas vidas⁵². Um pensamento com que nós vamos terminar este livro:

« Que a tua vida não seja uma vida estéril. – Sê útil. – Deixa rasto. – Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor. – Apaga, com a tua vida de apóstolo, o rasto viscoso e sujo que deixaram os semeadores impuros do ódio. – E incendeia todos os caminhos da terra com o fogo de Cristo que levas no coração»⁵³.

⁵² Vale a pena ler o livro – por ora, eletrônico – que pode encontrar no site *opusdei.org/es* : Javier Medina-Michele Dolz, *Compañeros de Camino*, Fundação Studium 2017. Está sendo preparada a edição brasileira

⁵³ *Caminho*, n. 1